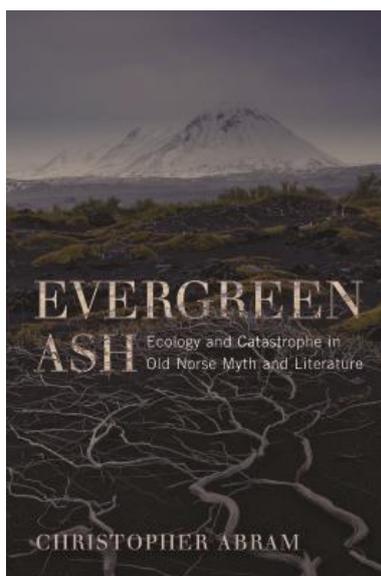


**O FREIXO PERENE: ECOLOGIA E CATÁSTROFE NA LITERATURA E NO
MITO NÓRDICO ANTIGO**

**EVERGREEN ASH: ECOLOGY AND CATASTROPHE IN OLD NORSE MYTH AND
LITERATURE**



ABRAM, Christopher. *Evergreen Ash: ecology and catastrophe in Old Norse myth and literature*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2019.

*Pablo Gomes de Miranda*¹

Neste ano de 2019, Christopher Abram, professor associado da Universidade de Notre Dame, lançou o seu livro *Evergreen Ash: ecology and catastrophe in Old Norse Myth and Literature*, uma obra na qual o autor propõe realizar um estudo inserido no pensamento Ecocrítico, dos

¹ Aluno de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (PPGCR-UFPB), no qual desenvolve a tese *Mito e Rito na Europa Setentrional Pré-Cristã: investigando a Caçada Selvagem na poesia e prosa escandinava dos séculos e XII – XIV*. Pesquisador do NEVE – Núcleo de Estudos Viking e Escandinavos. E-mail: pgdemiranda@gmail.com

mitos e da literatura nórdica, confrontando a documentação pertinente a essa empreitada com conceitos pós-estruturalistas. Um trabalho extenso, —que não sendo necessariamente uma proposta inovadora, o autor realiza um balanço bibliográfico logo em seu primeiro capítulo, lembrando a coletânea organizada por Gillian R. Overing e Marijane Osborn *Landscape of Desire: partial stories of the medieval Scandinavian world* (Overing; Osborn, 1994), enquanto um trabalho sobre *espaços e paisagens* que se aproxima de tal proposta além do ensaio de Carl Phelpstead *Ecocriticism and Eyrbyggja saga* (Phelpstead, 2014), reafirmando-o como o primeiro artigo nessa linha intelectual, escrito vinte anos depois.

Dividido entre sete capítulos, mais um prólogo e uma conclusão, Abram logo de início não esconde o seu apreço por um velho inimigo dos historiadores: o anacronismo. Sobretudo, ao delinear a sua proposta - a de estudar e apontar as bases de uma Mitologia Verde em uma documentação predominantemente islandesa (boa parte de suas considerações advém das comparações entre os materiais da *Edda Poética* e da *Edda em Prosa*), ele busca trazer à tona a dualidade entre natureza e sociedade, fundamental para o nosso prosseguimento no antropoceno e, prossegue atualizando para idealizações modernas, temas e personagens do mito escandinavo. O autor se recusa, entretanto, a pedir desculpas pelos seus anacronismos, pois se trata de uma ferramenta indispensável para as formulações dos seus problemas e para a relevância, talvez, do mito em si.

Outro ponto notável são as suas preocupações espaciais. Como já comentado anteriormente, boa parte das suas premissas utilizam a Islândia enquanto produtora da documentação mitológica analisada, sendo importante observar suas próprias conjunturas culturais. Contudo, a ilha também serve como um ponto de abstração das preocupações ecológicas que, se são divididas por outros estudiosos da cultura medieval e moderna, também oferece um espaço único pela sua colonização. Estabelecida como uma comunidade por imigrantes da Europa setentrional em meados do século IX, os seus habitantes se depararam com um desafio sutil aos nossos olhos, mas certamente uma tarefa marcante: a de ressignificar todo o seu espaço e de toda a comunidade não-humana ao seu redor (incluindo aqui animais e plantas, além de uma comunidade sobrenatural de espíritos locais).

A colonização islandesa medieval trouxe sérios impactos ambientais, entre elas a que merece um maior destaque é a derrubada das árvores nativas, uma ação agressiva que alterou de permanentemente a paisagem. Assim, *Ash* traduzido no título enquanto freixo, uma árvore que nunca cresceu na Islândia, figura enquanto elemento central da mitologia nórdica. Que tipos de atitudes possuíram os islandeses em torno dessa ausência? Nostalgia, talvez. Um sentimento importante para a noção de Catástrofe entre os islandeses, uma ideia que o autor desenvolverá ao longo de seu livro.

Importante também, é a Cinza expelida pelos vulcões islandeses (que em inglês também é *Ash*, infelizmente inexistente em português um termo que possa ser usado satisfatoriamente em uma tradução e que contemple ambas as coisas), gigantes da natureza que, se por um lado marcam profundamente os sentimentos dos islandeses em torno de sua nova paisagem, também influenciam diretamente a espera pela escatologia, a catástrofe não só está próxima como parece bem visível. No entanto, são sinais que seus vizinhos escandinavos não observam tão claramente.

O primeiro capítulo - *Ecocriticism and Old Norse*, Ecocriticismo e o Nórdico Antigo, é um apanhado teórico-metodológico de sua proposta, bem como dos seus objetivos. A bibliografia é sólida e atualizada, incluindo projetos recentes em mitologia nos quais o espaço e as preocupações ambientais ocupam uma porção relativamente importante das suas concepções. Há ainda, uma apreciação dupla sobre o que a Ecocrítica tem para oferecer aos estudos em Nórdico Antigo e *vice versa*. Além de uma ponderação da catástrofe enquanto um elemento sempre presente no material da mitologia e literatura nórdica antiga. Há aqui ao menos cinco pontos delineados pelo autor que servem não apenas aos estudiosos ocupados com as questões ambientais, mas também para aqueles que, de repente, sentem-se atraídos pela temática: a perspectiva de analisar um sistema de crenças não-cristãs; a ausência da natureza enquanto entidade cosmológica; o animismo; a maneira como a literatura islandesa apresenta o superrealismo e, por fim, a suas origens em uma cultural natural que esteve sempre preocupada com a catástrofe.

O segundo capítulo - *Remembering and Dismembering a Transcorporeal Cosmos*, Lembrando e Desmembrando um Cosmos Transcorpóreo, relembra a criação do cosmos e de

seus elementos, principalmente à partir do ser primordial, Ymir. Christopher Abram aponta em como os deuses, os *Æsir*, foram responsáveis não só pela manutenção das primeiras dialéticas antropocêntricas, dividindo a criação entre nós x eles, civilização x selvagem, sociedade x natureza, bem como, começaram a criar espaços artificiais e a segregar os *Jǫtnar* sobreviventes, após afogar boa parte dessa etnia no sangue de Ymir, cujo o desmembramento marcaria não apenas um novo momento do universo, um novo estar nos espaços, mudanças que não teriam mais volta. Os *Æsir* passaram a se valer de estruturas cósmicas (presentes mais na *Edda em Prosa*) e a estabelecer uma dualidade que os levariam diretamente à aniquilação. Aqui o autor passa a duvidar de seu projeto do olhar da Mitologia Verde entre o material mítico escandinavo.

O terceiro capítulo - *The Nature of World in a World without Nature: Heimr, Verǫld, Jǫrð*, A Natureza do Mundo em um Mundo sem Natureza: Heimr, Verǫld, Jǫrð, Abram passa a examinar a criação das estruturas cósmicas pelos deuses e em quais as concepções sobre mundo são reveladas pelo confronto da já encontrada dualidade sociedade x natureza. Assim, questiona a ausência de uma ideia de natureza entre os escandinavos. Esse é um dos capítulos mais sensíveis e talvez, o mais importante do livro. O mundo separado para nós humanos e aqueles nos quais habitam os deuses, são associados à delimitação violenta dos espaços - *Garðr*, enquanto que o Outro deve permanecer sujeito a espaços subalternos do *Heimr*, nunca cruzando as fronteiras erguidas, enquanto *Verǫld* é definido como um espaço quase que puramente de operação humana (contemplando também noções cronológicas dos feitos dos homens). É preciso esperar até o exame de *Jǫrð*, para que finalmente algum tipo de personificação como Gaia surja. *Jǫrð* é o solo que pisamos, mas ao mesmo tempo, ela figura na poética escandinava como algo a ser dominado. Pior, enquanto personagem da etnia *Jǫtunn*, ela é representada enquanto sujeita à violência sexual e versos sobre a subjugação de seu corpo torna-se tropo comum na poesia escáldica da Era Viking.

O quarto e o quinto capítulo - *Tree-People and People-Trees e Trees, Vines, and the Golden Age of Settlement*, as Árvores Pessoas e as Pessoas Árvores, e Árvores, Vinhas e a Era de Ouro dos Assentamentos, respectivamente, podem ser vistas de maneira integrada. *Yggdrasill*, o freixo cósmico, perene, independe dos homens para a sua existência, tampouco depende dos deuses, *Jǫtnar* ou outros seres vivos. No entanto, ela os alimenta, fornece sustento para animais

mitológicos e abrigo para uma série de indivíduos. Eterna e atemporal, ela esteve fora dos esquemas de ordenamento da dialética antropocêntrica e seguirá viva após o *Ragnarøk*. Ela deveria suscitar a simpatia dos colonos islandeses pelas árvores e deveria ser o sustentáculo, talvez, da Mitologia Verde que Christopher Abram buscou em seu livro.

O famoso poeta islandês do século X, Egill Skallagrímsson compôs versos nos quais equaliza a perda de seus filhos como as árvores que são cortadas pelos homens, talvez traduzindo um sentimento de desgosto dos colonos islandeses, que ainda assim derrubaram suas árvores nativas. Nesse sentido, se assentar, colonizar, o sentido em islandês antigo de *Landnám*, é tomado pela nostalgia de um espaço que se torna vazio em confronto com as novas empreitadas do Atlântico Norte. A Vinlândia, projeto de colonização no continente americano, falha no confronto com um novo Outro, os *skrælingar*, tribos autóctones.

As diferenças no contato com um machado entre duas fontes primárias diferentes, a *Grœlendinga saga* e a *Eiríks saga Rauða* mostra uma atitude diferente entre os colonos germânicos e a tribo local, esta última que descarta a ferramenta, apesar dela ser útil para a derrubada de uma árvore. Um ato sutil, que talvez reforce um caráter de abundância dessa terra que foi perdida, de fontes naturais quase infindáveis mas que está além do alcance dos islandeses.

The Æsir and the Anthropocene, e *Reading Ragnarøk (sic) at the End of the World* – Os Æsir e o Antropoceno, e *Examinando o Ragnarøk no Fim do Mundo*, sexto e o sétimo capítulos, respectivamente, também podem ser vistos de maneira integrada pois retomam as representações míticas aproximadas à noção de Modernidade em Bruno Latour. Melhor, o autor passa a estabelecer uma análise nos moldes “latourianos”, mas que em nossa perspectiva é desnecessária. Se até aqui Abram se focou nas tensões entre os polos da dualidade que tangenciam o antropoceno, e, Latour indicando que a nossa sociedade nunca foi Moderna, também os supostos pré-modernos/cristãos nórdicos vão acenar para a mesma possibilidade, unicamente por estarem presos em crises similares e em termos mitológicos, eles não são os únicos.

Ainda assim a análise nos moldes “latourianos” resultam em duas análises muito curiosas, a visão dos Anões enquanto Híbridos, em um estado bestial para os deuses, ao

mesmo tempo em que ainda servem enquanto seres dotados de cultura; e Loki enquanto Arma de Destruição em Massa. Em especial nessa segunda análise, o autor chega a conclusão de que os agentes de destruição dos Æsir não podem ser controlados, ainda que sejam ignorados ou limitados a outros reinos como o despejo nuclear debaixo de uma montanha. Nós também nos enganamos da mesma maneira, de que haverá um amanhã igual ao ontem e que possamos ignorar os nossos próprios agentes de destruição. Não há escapatória para quando a prole de Loki, a Serpente Mundo, o Lobo Fenrir e Hel se revoltarem. A serpente mundo, um “hiper objeto” Mortoniano (referência a Timothy Morton), um agente massivo abraçando todo o nosso mundo, se espraia como o rejeito nuclear e os seus efeitos catastróficos afetarão a todos mortalmente, as mudanças climáticas podem ser examinadas sob a mesma ótica. Se essas divagações do autor parecem muito forçadas para o leitor, nos lembremos: Abram tomou a liberdade de fazer anacronismos.

Os Æsir falharam e o encontro com o Ragnarøk é inevitável. Buscando os conceitos elementares de uma Mitologia Verde entre os relatos escandinavos, Christopher Abram é claro em suas conclusões: os cultos pagãos não estavam centrados na Terra, os deuses dependiam em demasia de estruturas artificiais e ontologias hierárquicas baseadas na subjugação do Outro, os *Jotnar*, as mulheres em particular.

Não podendo sustentar uma perspectiva verde para os mitos nórdicos, resta a Christopher Abram questionar as razões da falha dos Æsir nas suas empreitadas contra o cataclisma cósmico e retirar as lições dos exemplos negativos em torno da crítica ecológica. Falhando, Abram nos fez questionamentos importantes.

A aproximação Ecocrítica entre os medievalistas é válida e oferece grandes discussões, porém, elas devem ser avaliadas não oferecendo uma resposta última aos problemas da nossa atualidade, mas como ponto de reflexão aos anseios de uma sociedade capitalista global e em franca crise. A dualidade natureza x sociedade, tão cara ao antropoceno, um preço pago por nós e pelos personagens da mitologia nórdica, revela a comodidade em uma modernidade que se faz.

Podemos seguir os exemplos dos Æsir, acreditando que o amanhã será igual ao ontem (sabendo que o inevitável *Ragnarøk* virá). As muralhas erguidas que os separam dos seres

oprimidos pelos deuses irá cair e todos os recursos explorados e estruturas construídas irão ser inúteis. Eles não aprenderão, após o *Ragnarøk*, *Jǫrð* estará disponível mais uma vez para os seus e os nossos abusos, regenerada, subjugaremos a terra mais uma vez. Persistiremos no erro ou iremos um outro caminho?

Referências bibliográficas:

ABRAM, Christopher. *Evergreen Ash: ecology and catastrophe in Old Norse myth and literature*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2019.

PHELPSTEAD, Carl. Ecocriticism and *Eyrbyggja saga*. In: *Leeds Studies in English*, v. 45, 2014, pp. 1 - 15.

OVERING, Gillian R.; OSBORN, Marijane. *Landscape of Desire: partial stories of the medieval Scandinavian world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.